



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NATHALLIE SANTOS ESCOBAR FONTES

**UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA LITERATURA DE VIAGEM DE MARIA
GRAHAM (1821-1824): PROJETO INTELECTUAL E NEGOCIAÇÃO**

MODALIDADE: PROJETO DE MESTRADO

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NATHALLIE SANTOS ESCOBAR FONTES

UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA LITERATURA DE VIAGEM DE MARIA
GRAHAM (1821-1824): PROJETO INTELECTUAL E NEGOCIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção da licenciatura em
História na Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, sob a orientação do Prof^o. Dr. Amílcar Torrão
Filho.

SÃO PAULO

2021

RESUMO

Fundamentado pelas ferramentas teóricas que interseccionam o estudo de gênero e a literatura de viagem, este projeto se propõe a investigar dois aspectos a partir da obra de Maria Graham: 1) como as viagens possibilitaram a ela um espaço para a construção do seu projeto como uma intelectual. Pode-se pensar que as viagens se apresentavam como um campo de produção - de informações e de textos (discursos); 2) em paralelo, serão investigadas as negociações que Graham precisou realizar para a edificação do seu projeto. Como principal fonte primária será analisado o relato de viagem, *Diário de uma Viagem ao Brasil*, escrito por Graham durante a sua estadia no Brasil nos anos de 1821, 1822 e 1823, e publicado em 1824. Além disso, algumas cartas redigidas por ela ao seu editor, John Murray, e à imperatriz Maria Leopoldina, entre os anos de 1821-1824, darão suporte à investigação.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Literatura de viagem. Maria Graham. Projeto Intelectual. Negociação.

ABSTRACT

Supported by theoretical tools that intersect gender studies and travel writing, this project proposes to inquire two aspects based on Maria Graham's account: 1) how travel provided her a space for the construction of her project as an intellectual. It's possible to consider that travel presented itself as a field of production - of information and texts (discourses); 2) at the same time, it'll investigate the negotiations that Graham needed to carry out for the success of his project. *The Journal of a Voyage to Brazil* will be analyzed as the main primary source, the travel account wrote by Graham during her stay in Brazil in 1821, 1822 and 1823, published in 1824. In addition, some letters written by her to her editor John Murray, and to the Empress Maria Leopoldina, between the years 1821-1824, will support the investigation.

Keywords: Gender studies. Travel writing. Maria Graham. Intellectual Project. Negotiation.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
OBJETIVOS	6
JUSTIFICATIVA E DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA.....	7
FONTES E METODOLOGIA.....	12
REFERENCIAL TEÓRICO	17
CRONOGRAMA DE TRABALHO	19
FONTES PRIMÁRIAS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

APRESENTAÇÃO

Se é pretensão deste projeto o trabalho investigativo a partir da literatura de viagem, é bem-vinda alguma elucidação. Tomando as expedições científicas dos séculos XVIII e XIX como exemplo, grande parte delas requeria um testemunho que relatasse com exatidão a natureza e a geografia dos locais observados, exigindo que os viajantes (ou os escritores) fossem, sobretudo, “sujeitos imparciais”. No decorrer do oitocentos, as narrativas foram adquirindo características distintas da linguagem científica até então predominante. Isso é o que aponta Carolina Depetris¹, após observar a passagem de uma linguagem descritiva e objetiva para uma linguagem discursiva mais “independente” e poética.² Com os românticos, o discurso literário aproximou o sujeito do objeto e as narrativas dos relatos de viagens ganharam emoção, voltando-se para as representações a partir do olhar do indivíduo. Ao mesmo tempo, para a historiadora Margareth Gonçalves³, a necessidade de afirmação da individualidade, que surgiu com os ideais da nova cultura burguesa, em especial a inglesa, se desdobrou na produção de diários autobiográficos, que teriam introduzido as mulheres no “domínio da escrita”. Na análise de Mary Anne Junqueira⁴, os relatos de viagens desse momento podem ser vistos como um misto de discursos científicos, autobiografias (“escrita de si”), ficção (e.g., romances) e outros estilos que compõem a hibridez do gênero literário.

No cruzamento da literatura de viagem com a escrita feminina, Sara Mills⁵ se surpreendeu com a quantidade de mulheres que, durante o período colonial britânico, produziram diversos relatos de viagens. Muitas escritoras, entretanto, quando conseguiam um espaço nas editoras, tinham que recorrer a certos subterfúgios (e.g., pseudônimos) para assinarem suas publicações, principalmente aquelas que abriram o caminho para as viajantes de Mills. Como nota Bénédicte Monicat, “uma escritora não podia ser o sujeito do seu próprio discurso”⁶. Para se ter uma ideia, da lista que Jean Marcel de Carvalho França⁷ elaborou, com 117 viajantes que visitaram o Brasil

¹ DEPETRIS, Carolina. *La escritura de los viajes. Del diario cartográfico a la literatura*. Mérida: UNAM, 2007.

² *Id.*, *Ibid.*, p.91.

³ GONÇALVES, Margareth de A. *Viagem e escrita de si em Maria Graham*. Revista Universidade Rural, Série Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, v. 29, n. 1, pp.110-122, 2007.

⁴ JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa* volume II. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas, 2011, pp.44-87.

⁵ MILLS, Sara. *Discourses of difference. An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. New York, Routledge, 1991, pp.1-39.

⁶ MONICAT, Bénédicte. *Autobiography and women's travel writings in nineteenth-century France: Journeys through self-representation*. Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography, pp. 61-70, 1994, p. 63.

⁷ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Antologia de textos: 1591-1808. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, pp. 287-291.

entre os anos de 1519 a 1808, há somente uma referência feminina, a da inglesa Jemima Kindersley (1741-1809), que fez uma rápida passagem pela capitania da Bahia em 1764 na companhia do marido. Ainda assim, Jemima assinou suas cartas como Mrs. Kindersley. Aproveitando o ensejo, naquele momento também, a viagem dificilmente se apresentava diretamente às mulheres. Na maioria das vezes, elas embarcavam juntamente com os seus pais ou maridos. Foi assim com Elizabeth Macquarie (1778-1835) e com Rose de Freycinet (1794-1832), quando ambas vieram ao Brasil⁸. E com Maria Graham (1785-1842) não foi diferente.

Nascida na Inglaterra, Maria Graham, que já tinha viajado à Índia em 1809 ao lado do pai marinheiro, chegou ao Brasil em setembro de 1821 na companhia de seu marido, Thomas Graham, capitão da Marinha Real Inglesa. A viajante aportou primeiramente em Recife, depois na Bahia e no Rio de Janeiro, permanecendo nesta última província por mais tempo, onde desfrutou de uma certa aproximação com a família real. Desde pequena, a leitura de clássicos e o interesse pela geografia preenchiavam os momentos de prazer da ainda Maria Dundas. Ela, que pertencia a uma família da média-alta burguesia, teve contato com uma elite de cientistas, artistas, intelectuais e membros da nobreza quando conviveu com o seu tio, David Dundas, médico do rei George III. Foi um período em que pôde ampliar a sua rede de sociabilidade. Maria Graham, ou Maria Callcott (sobrenome do seu segundo marido), foi uma das primeiras escritoras-viajantes a assinar seus relatos e a obter fama logo após a publicação - em 1812 ela publicou *Journal of a residence in India*; em 1814, *Letters on India, with etchings and a map*; em 1815, *Memoirs of the war of the French in Spain*; em 1820, *Three months passed in the mountains east of Rome during the year 1819 e Memoir of the life of Nicholas Poussin*. Ao desembarcar no Brasil, Graham já era uma escritora consolidada. Sua trajetória, todavia, foi percorrida no interior de um processo que negociava uma posição para além das fronteiras do papel social atribuído às mulheres.

Com o alicerce das ferramentas teóricas que reúnem o estudo de gênero e a literatura de viagem, a proposta deste projeto é investigar dois aspectos a partir da obra de Maria Graham: 1) como as viagens possibilitaram a ela um espaço para a construção do seu projeto como uma intelectual; 2) em paralelo, o que ela precisou constantemente negociar para a edificação deste projeto. Para isso, será analisado como principal fonte primária o relato de viagem de Graham,

⁸ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*: antologia de textos. Jemima Kindersley, Elizabeth Henrietta Macquarie, Rose Freycinet. Org. e trad. Jean Marcel Carvalho França. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, pp.17-18.

Diário de uma viagem ao Brasil, escrito quando da sua estadia no Brasil nos anos de 1821, 1822 e 1823, publicado em 1824. Adicionalmente, algumas cartas redigidas por ela ao editor John Murray⁹ e à imperatriz Leopoldina¹⁰, entre os anos de 1821 e 1824, darão suporte à investigação.

OBJETIVOS

O objetivo geral é questionar a oportunidade que as viagens proveram a Graham para que ela pudesse se construir como uma intelectual (seu projeto intelectual). O que também permitiu a ela exercer a sua profissão como escritora. Pode-se pensar que as viagens se apresentavam como um campo de produção – de informações e de textos (discursos). Vale observar que o ambiente acadêmico e institucional era, convencionalmente, um universo do qual as mulheres não tinham acesso. Igualmente, é intenção averiguar as várias negociações que Graham precisou realizar para que o seu projeto obtivesse êxito. Como nota Joan Scott, devemos “nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir porque elas se passaram [...]”.¹¹ Após uma leitura prévia do *Diário de uma viagem ao Brasil*, elenquei como objetivos específicos:

1. Verificar como Graham estruturou a sua obra e o que ela introduziu ao seu leitor;
2. Separar alguns trechos e analisar as suas estratégias discursivas, questionando:
 - i. Como Graham engendrou uma posição intelectual, considerando os elementos que ela enfatizou, mas também aqueles que ela depreciou;
 - ii. Como ela negociou o seu local feminino relacionado a um lugar do saber;
 - iii. Como ela negociou a sua credibilidade e experiência como escritora-viajante;
 - iv. Como ela negociou um local social bem menos marginalizado.

Por meio das cartas serão investigados os aspectos que se interligam à elaboração do Diário, especialmente aqueles que se relacionam de alguma forma com o projeto intelectual de Graham, seja perante o editor John Murray, seja em face à sua aproximação com a família real.

⁹ John Murray II (1778-1843) foi um importante editor escocês, que publicou obras de Jane Austen e Lord Byron. Ele foi coeditor do *Diário de uma Viagem ao Brasil* e amigo de Maria Graham.

¹⁰ Maria Leopoldina da Áustria (1797-1826). Primeira esposa do imperador D. Pedro I e Imperatriz Consorte do Império do Brasil de 1822 até a sua morte.

¹¹ SCOTT, Joan. *Gênero. Uma categoria útil para a análise histórica*. Trad. port. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, pp.71-99, 1989, p.86.

JUSTIFICATIVA E DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

Na historiografia brasileira, Miriam Moreira Leite¹² abriu o caminho para as pesquisas que interseccionam a literatura de viagem e o estudo de gênero, ao organizar uma antologia de textos de viajantes (a grande maioria homens) e analisá-los sob a ótica das representações sociais das mulheres no Rio de Janeiro no século XIX. Anos mais tarde, Leite¹³ direcionou a pesquisa para os relatos das viajantes europeias. Identificou as diferenças entre cada uma delas, embora tenha notado que todas tinham “um grande cuidado e atenção às condições da vida do dia a dia”¹⁴. Posteriormente, Stella Maris Scatena Franco¹⁵, acompanhando as produções acadêmicas que trataram de relatos de “autoria feminina”, mas invertendo a visão convencional, se focou nas viajantes latino-americanas, desvendando como essas mulheres construíram a si mesmas durante seus percursos. Em um outro trabalho¹⁶, bem posterior, Franco inovou mais uma vez, demonstrando a sobreposição de papéis femininos e masculinos ao confrontar certas pesquisas que, geralmente, tentaram definir as especificidades das narrativas de mulheres.

Abrangendo outras disciplinas, recupero algumas pesquisas que se debruçaram sobre as obras de Maria Graham nos últimos anos, explorando diferentes temas e enfoques. Dentre aquelas que se ocuparam da análise narrativa, encontra-se o trabalho de Regina Akel¹⁷, uma biografia literária de Maria Graham. Com foco nas dinâmicas narrativas, Akel ressaltou a autoridade da voz da narradora, seu desprezo pelas restrições impostas aos textos femininos em sua época e, principalmente, as transformações vivenciadas por sua “persona” no curso de sua carreira. A vertente autobiográfica de Maria Graham foi recuperada pelas historiadoras Denise Porto¹⁸ e Margareth Gonçalves¹⁹. Gonçalves ao trabalhar com as memórias escritas nos anos finais da vida da inglesa, em *Reminiscences*. E Porto, ao demonstrar a associação existente entre a escrita de si e os elementos relativos ao cotidiano social e político. No entanto, em um outro trabalho, Denise

¹² LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro. Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1993.

¹³ LEITE, Miriam Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX*. Cadernos Pagu, n.15, pp. 129-143, 2000.

¹⁴ *Id., Ibid.*, p. 132.

¹⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

¹⁶ FRANCO, Stella Maris S. *Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 50, 2017.

¹⁷ AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. Cambria Press, New York, 2009.

¹⁸ PORTO, Denise M. C. Gomes. *Maria Graham, uma escrita autobiográfica, com registros das turbulências do Brasil independente*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, n. 26. Rio de Janeiro, 2019.

¹⁹ GONÇALVES, Margareth de A. *op. cit.*, 2007.

Porto²⁰ analisou as narrativas de Graham pensando em sua multiplicidade. Esse foi o caso também de Maria de Fátima Campos²¹. Ambas olharam para a variedade dos assuntos abordados pela viajante e a consideraram uma “representante da modernidade feminina”. Contudo, Campos se valeu das linguagens literária e iconográfica.

Em relação à produção iconográfica de Maria Graham, o estudo de Maria Medeiros de Souza²² observou como ela se conectava e negociava com a sua rede de sociabilidade (editores, cientistas, naturalistas e artistas) por meio de seus cadernos de viagem, que continham inúmeros desenhos de paisagens e ilustrações botânicas. Uma outra perspectiva está no trabalho de Natália de Oliveira e José Castro²³, que se utilizaram das imagens contidas no *Diário de uma viagem ao Brasil* para analisar as percepções da viajante em relação à paisagem geográfica. Ao mesmo tempo, há quem tenha interpretado os registros de Graham dentro da tipologia de viagem, localizando a sua experiência como uma “viagem de conhecimento”. O trabalho de Claudia Borri²⁴ refletiu sobre a aspiração da inglesa de se envolver em “uma atividade de pesquisa que a colocaria no círculo dos cientistas, reservado, na época, exclusivamente para homens”²⁵.

Outros estudos deram destaque para as construções de discursos. Assim o fez Márcia Cristina de Oliveira Matheus²⁶. Preocupada com os documentos produzidos por mulheres no início do século XIX, ela analisou como Graham construiu discursivamente o seu próprio gênero, dando ênfase para a “dupla documentação” – narrativa de si em contraste com a narrativa sobre o outro. Quanto ao discurso da viajante sobre o Outro, principalmente sobre as mulheres de culturas heterogêneas, o trabalho de Margareth Gonçalves²⁷ foi bem categórico ao pontuar três atributos

²⁰ PORTO, Denise M. C. Gomes. *Maria Graham: a polissêmica narrativa da escritora inglesa, sobre os brasis das primeiras décadas do oitocentos*. In: *História: Diálogos Contemporâneos* 3, 2020.

²¹ CAMPOS, Maria de Fátima. *Relatos de viagem e a obra multifacetada de Maria Graham no Brasil*. *Sitientibus*, n.41, Feira de Santana, pp.99-114, 2009.

²² SOUZA, M. de F. M. de. *Viajar, observar e registrar: Coleção e circulação da produção visual de Maria Graham*. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, SP, v. 5, n. 2, pp. 59–85, 2021.

²³ CASTRO, José Flavio Morais; OLIVEIRA, Natália Maria. *Análise da paisagem das mulheres viajantes no Brasil durante o século XIX*. *Caderno de Geografia*, v.26, n. 1, pp.155-168, 2016.

²⁴ BORRI, Claudia. *Los viajes de María Graham, Flora Tristán y Florence Dixie a Sudamérica: Metodología e interpretación*. In: REBOLLEDO, Loreto; TOMIC, Patricia. *Espacios de género: imaginarios, identidades e historias*. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, pp. 41-58, 2006.

²⁵ *Id., Ibid.*, p.48.

²⁶ MATHEUS, Márcia Cristina S. *Maria Graham e a documentação do feminino no Brasil na primeira metade do oitocentos*. *Revista Policromias*, Rio de Janeiro, ano IV, pp.324- 359, 2019.

²⁷ GONÇALVES, Margareth de A. *Artificio e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre mulheres em Portugal e Brasil*. *Revista Estudos Feministas*, n.3 v. 13, pp. 613-627, 2005.

das mulheres de setores médios e altos do Brasil. Primeiramente, a reclusão das luso-brasileiras, que foi uma “peça central de um manual que viajantes já decoravam antes da chegada”²⁸. A indolência era vista como um segundo “problema moral” – reclusão e indolência, duas características que Maria Odila Dias²⁹ desconstrói ao problematizar a imagem da “dona ausente” *vis-à-vis* os valores sociais de dominação na sociedade colonial. O terceiro atributo era a não educação, uma vez que Maria Graham ressaltava a ausência de livros nas casas brasileiras. Gonçalves ainda sinalizou que a viajante repugnava a dissimulação e o “recurso do fingimento” de algumas damas, que se sobrepunham ao seu entendimento de civilidade. Semelhante foram as percepções de Camilla Assis Lemes³⁰ e Maria de Fátima Campos³¹. Lemes observou que a abertura do espaço público era maior para as mulheres negras, escravizadas ou forras. Campos apontou a falta de “modos civilizados” e o pouco ou nenhum hábito de leitura das luso-brasileiras. Além disso, esta última autora ressaltou a visão crítica da viajante em relação à lascividade da mulher negra e ao “luxo inapropriado” de sua indumentária, que a remeteriam para a “dimensão do vulgar” – Maria Odila Dias também já tinha notado as críticas de Antonil³² quanto ao “luxo das mulatas de mau viver, carregada de cordões, arrecadas e outros brincos de ouro”³³. Numa pesquisa que é referência, a historiadora Eneida Maria Mercadante Sela³⁴ trabalhou Graham por meio de seus contrastantes registros (textuais e visuais) em relação aos africanos na “experiência da escravidão” no Rio de Janeiro.

Somam-se ainda as análises que se basearam nos aspectos urbanos. Um trabalho importantíssimo sobre as descrições das cidades luso-brasileiras na concepção – sempre carregada da bagagem cultural – dos viajantes europeus é de Amílcar Torrão Filho³⁵. Ele observou como Maria Graham era um exemplo de viajante que descrevia o espaço brasileiro a partir de “uma visão

²⁸ *Id. Ibid.*, p. 616.

²⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed. Rev. São Paulo, Brasiliense, 1995, pp. 90-111.

³⁰ LEMES, Camila Assis. *Sob o olhar de uma estrangeira: gênero e Independência do Brasil no diário de Maria Graham*. VI Congresso Internacional de História, 10.4025/6cih.pphuem.483, 2013.

³¹ CAMPOS, Maria de Fátima H. *op. cit.*, 2009.

³² André João Antonil (1649-1716). Jesuíta italiano que chegou no Brasil em 1681 e permaneceu lá até a sua morte.

³³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva, *op. cit.*, 1995, p. 94.

³⁴ SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus* (Rio de Janeiro, ca. 1808-1850). Campinas, SP: [s. n.], 2006.

³⁵ TORRÃO FILHO, Amílcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na Literatura de Viagem* (1783-1845). 2. ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.

pitoresca da paisagem”³⁶, uma tendência a partir do início do século XIX. Lilianet Brintrup³⁷, por sua vez, realçou a necessidade de Graham em capturar os traços relativos ao “progresso” do espaço urbano chileno, em uma constante comparação com a civilização europeia. Isadora Eckardt da Silva³⁸ também notou a sua atração pelo “fenômeno das cidades”, assim como realçou outros aspectos a partir desta viajante. Em sua dissertação de mestrado³⁹, optou pela análise do viés político e histórico de Maria Graham, averiguando a postura dela em relação à defesa dos interesses ingleses, tendo em vista o contexto do domínio britânico sobre o Brasil. Em um outro trabalho⁴⁰, destacou a temática profissional, assinalando que o Diário da inglesa “era uma tarefa séria de uma escritora profissional, preocupada em lucrar com seus trabalhos”⁴¹. Ou então, dialogando com Mary Louise Pratt, apontou que Graham se enquadrava na gama de escritoras que souberam perceber “que tipo de escrita teria impacto sobre as massas”.⁴² Denise Porto⁴³ contribuiu nessa esfera ao observar que muitos viajantes, no retorno a seus países de origem, queriam reconhecimento entre seus pares e algum êxito editorial, inclusive Graham.

Dos estudos que trataram do envolvimento da viajante com o processo editorial, destaco duas pesquisas. Primeiramente a de Innes Keighren, Charles Withers e Bill Bell⁴⁴. Eles ampliaram a compreensão sobre os trabalhos de Maria Graham com os seus editores, em especial com John Murray. Revelaram que a preocupação da escritora, em ser julgada como verdadeira e convincente, ficou evidente nos preparativos que ela fez antes da ida ao Brasil e em seu desejo de se reposicionar como uma “viajante filosófica”. E que, além do valor financeiro e da reputação em jogo, a credibilidade era buscada pelos escritores mediante à escolha de seus editores. O processo de edição de John Murray envolvia um regime de práticas regulatórias e um círculo de consultores de confiança, que comentavam os manuscritos antes da publicação. Dentre eles estava Maria Graham.

³⁶ *Id., Ibid.*, p.260.

³⁷ BRINTRUP, Lilianet. *Maria Graham: El Almendral, urbanidad-sociabilidad engañosa*. Anales de Literatura Chilena. ISSN 0717-6058, n. 21, pp. 61-80, 2014.

³⁸ SILVA, Isadora Eckardt da. *O Traço subjetivo e o fascínio do fenômeno urbano na crônica de viagem de Maria Graham*. Revista Palimpsesto - Programa de Pós-graduação em Letras. UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

³⁹ *Id.*, *O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2009a.

⁴⁰ *Id.*, *A Literatura de Viagem de Maria Graham*. Revista do SETA, n. 3. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, UNICAMP, São Paulo, pp. 450-458, 2009b.

⁴¹ *Id., Ibid.*, p.451.

⁴² *Id., Ibid.*, p.453.

⁴³ PORTO, Denise M. C. Gomes, *op.cit.*, 2020.

⁴⁴ KEIGHREN, Innes, WITHERS, Charles W.J., BELL, Bill. *Travels into print*. Exploration, Writing, and Publishing with John Murray, 1773-1859. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2015, pp. 68-214.

Nesse sentido, Graham sabia que ela e “muitos outros viajantes [...] tinham que negociar sua identidade, considerando o que era esperado deles e as maneiras como desejavam se apresentar.”⁴⁵ Tão relevante quanto é o estudo de Carl Thompson⁴⁶, que lançou luz nos trabalhos das mulheres editoras e tradutoras de materiais científicos no início do século XIX, que muitas vezes “são mal representadas ou descartadas apenas como ‘servas’ do empreendimento intelectual masculino”⁴⁷. Sua pesquisa trata da importância (e dos desdobramentos) de Graham nessa função e toda a sua relação com vários cientistas e intelectuais, com os quais ela dialogava para editar volumes científicos, especialmente o volume solicitado por John Murray em 1826.

A despeito da diversidade temática apresentada, nota-se que os trabalhos que conectaram as obras de Maria Graham ao estudo de gênero se ativeram: ao pioneirismo feminino da viajante, seja por ela ter abordado assuntos que eram restritos aos homens, seja pelo seu sucesso com a publicação e o seu envolvimento com o processo editorial; ou então, na construção de gênero a partir do discurso de Graham sobre o Outro, especialmente aquele que inferioriza as mulheres de culturas heterogêneas, isto é, na construção de si por meio da dicotomia “civilizado” e “não civilizado”. No entanto, o discurso de Graham não girava em torno apenas das luso-brasileiras. No *Diário de uma viagem ao Brasil* ela narrou, em tom de crítica, suas percepções acerca das mulheres inglesas, como também dos homens luso-brasileiros e ingleses. Nesse caso, uma das dicotomias percebidas em seus discursos, e que eu defendo neste projeto, se baseia na oposição “intelectual” e “não intelectual”. Em outras palavras, o local social “superior” que ela construiu mediante o seu discurso sobre o Outro e sobre si está muito associado à tópica do conhecimento e suas adjacências. Os estudos acima tenderam a analisar esse local social mais pelo viés cultural e etnocêntrico. Pouco se questionou diretamente a possibilidade de Graham ocupar a posição de intelectual por meio das construções discursivas de seus relatos de viagens. Os trabalhos que se aproximaram disso tentaram mostrar a sua participação e a importância que ela dava aos assuntos científicos da época, revelando também o seu elo com uma rede de naturalistas, científicos, intelectuais e artistas.

⁴⁵ *Id.*, *Ibid.*, p.214 (tradução nossa). “many of the other [...] travelers [...] had to negotiate their identity as travelers by attempting to resolve both what was expected of them and the ways in which they wished to present themselves.”

⁴⁶ THOMPSON, Carl. “Only the Amblyrhynchus”: Maria Graham’s Scientific Editing of Voyage of HMS Blonde (1826/27). *Journal of Literature & Science*, JLS, v. 8, n.1, pp. 48-68, 2015.

⁴⁷ *Id.*, *Ibid.*, p.65 (tradução nossa). “such women editors [...] are accordingly misrepresented when dismissed merely as subsidiary ‘handmaidens’ to male intellectual endeavour”.

Diante disso, verifiquei um espaço de pesquisa para fazer a conexão entre a tríade: viagem; produção de discursos; e construção de si como uma intelectual. O enfoque aqui é pensar o relato de viagem a partir das suas diversas elaborações discursivas como estratégias que manifestam a edificação da Graham intelectual (é o “como” ela faz o seu projeto acontecer; é o que ela negocia). Mais ainda, isso foi possível devido às oportunidades que ela teve de viajar, do contrário, dificilmente ela teria um espaço para se colocar em tal posição.

Desse modo, este projeto pretende ampliar os estudos de gênero e da literatura de viagem feminina dentro da historiografia, mas na medida em que busca fazer uma análise sob os termos da própria escritora (Maria Graham), sem procurar entendê-la como uma mulher “excepcional” ou tão somente como uma viajante etnocêntrica ou imperialista. Mas sim, compreendê-la no interior de um processo que continha as suas estratégias para superar os limites impostos às mulheres – numa cultura e num determinado momento histórico. É nesse caminho que este projeto deseja contribuir. Para isso, procuro respostas para as seguintes questões:

1. Como as viagens possibilitaram Maria Graham conceber o seu projeto intelectual?
2. De que forma o *Diário de uma viagem ao Brasil* revela a construção de Graham como uma intelectual?
3. E o que ela precisou negociar nesse processo de construção?

FONTES E METODOLOGIA

Será analisado, como principal fonte primária, o relato de viagem de Maria Graham, *Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There During Part of the Years 1821, 1822, 1823*, escrito durante a sua estadia no Brasil durante os anos de 1821 e 1823. Ele foi publicado logo depois na Inglaterra, em 1824, por *Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green* e John Murray. Fiz uma leitura prévia da fonte na versão traduzida, em 1956, por Américo Jacobina Lacombe (*Diário de uma viagem ao Brasil*)⁴⁸. Posteriormente, a versão original (em inglês), disponibilizada no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, será lida integralmente.

Além disso, algumas cartas darão suporte à pesquisa. Serão estudados os manuscritos (em inglês) redigidos por Maria Graham ao editor John Murray, que se encontram na National Library

⁴⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil, e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. port. e notas Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

of Scotland. Obtive acesso aos *folios* de março e maio de 1821, meses antes da chegada de Graham ao Brasil; outro, de setembro do mesmo ano, escrito dois dias após a viajante avistar o litoral brasileiro; e mais três de 1824, ano em que o Diário foi publicado. Somam-se à análise as correspondências (em inglês) trocadas entre Maria Graham e a imperatriz Maria Leopoldina em 1823 e 1824, disponibilizadas no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Essas últimas já foram lidas em suas versões traduzidas⁴⁹. A incorporação dessas cartas no *corpus* documental ampliará o terreno de investigação.

Quanto ao trabalho metodológico, Mary Anne Junqueira e Stella Maris Franco⁵⁰ fornecem reflexões importantes para se pensar o uso dos relatos de viagens como fonte histórica. Algumas questões que se desdobram de seus estudos serão perseguidas. Uma delas recai sobre compreender o *Diário de uma viagem ao Brasil* como uma obra que foi editada pela autora, pensando na imagem que ela queria construir de si e “pensando no leitor que pretende atingir”⁵¹. Outra, recai sobre interpretá-lo como parte de uma série documental, isto é: i) assimilar o relato de viagem dentro de um gênero literário que, apesar da heterogeneidade de seus textos, compartilha de pontos que se aproximam; ii) entendê-lo como um componente da série de publicações de Maria Graham durante a sua trajetória. Em paralelo, a historicidade da obra será analisada, para apreender a produção de Graham *vis-à-vis* a literatura de viagem de seu tempo. E finalmente, pretende-se aprofundar os eixos teóricos, para que a leitura da fonte se torne mais crítica.

A abordagem preliminar da fonte foi feita da seguinte forma: primeiramente o relato foi tratado como um texto informativo, como um registro – identifiquei sobre o quê e sobre quem Maria Graham escreveu, quais foram os aspectos que ela ressaltou e enalteceu e o que ela depreciou e criticou. Em seguida, o texto foi problematizado e pensado como um discurso – um discurso sobre si e sobre o Outro, que está atravessado, por exemplo, por questões ideológicas e culturais, mas também de gênero. Fiz um levantamento das elaborações discursivas que construíram Graham como uma intelectual e uma viajante experiente, como também daquelas que posicionaram os seus locais feminino e social, associados a um local do conhecimento.

⁴⁹ GRAHAM, Maria. *Escorço biográfico de Dom Pedro I*. Cadernos da Biblioteca Nacional, 7. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 243.

⁵⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne, *op. cit.*, 2011.

⁵¹ *Id.*, *Ibid.*, p.49.

A obra está dividida em duas partes, a primeira e a segunda visita ao Brasil.⁵² São antecedidas pelo prefácio da própria autora, por um índice de gravuras e vinhetas, e pela introdução. Maria Graham introduziu um esboço da história do Brasil, no qual ela chamou a atenção para a maneira como a colonização portuguesa foi realizada, principalmente, para o tráfico de escravos existente – situação observada pela autora ao decorrer de todo o relato. Antes que qualquer palavra fosse impressa, o livro traz uma imagem⁵³ do mercado de escravos no Valongo, no Rio de Janeiro. E ao final de tudo, há um apêndice com informações da atividade econômica da província do Maranhão.⁵⁴ Graham escreveu em forma de diário e registrou os detalhes do cotidiano dos lugares por onde passou. Foram ressaltados os aspectos socioculturais (e.g., costumes, vestimentas, culinária) e políticos durante a sua estadia em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Descreveu momentos inerentes ao processo de Independência, como as contendas entre os “realistas” e os “patriotas” em Pernambuco; o discurso de Dom Pedro I na abertura da Assembleia Constituinte e Legislativa no Rio de Janeiro; e a participação de Lorde Cochrane⁵⁵ a favor do Imperador. Ela também incluiu algumas observações sobre as atividades comerciais de algumas províncias, mas fez uma vasta descrição da geografia e da composição física dos espaços, público e privado. Os traços subjetivos são mais marcantes na segunda visita ao Brasil, na qual a autora revelou uma certa melancolia e as dificuldades que enfrentou, seja pelo fato de estar sozinha num país estrangeiro, após a perda do marido, seja pelo estado de saúde fragilizado no qual ela se encontrava. É um período também em que Graham estava preocupada com a sua situação de viúva em um país estrangeiro e estabeleceu novas conexões com as “pessoas da sociedade” brasileira. Um exemplo

⁵² A primeira parte do livro compreende a saída de Maria Graham da Inglaterra em 31 de julho de 1821, as paradas nas ilhas da Madeira e Tenerife, e a sua estadia no Brasil de setembro de 1821 a março de 1822. Na segunda parte do relato, Graham permanece no Brasil de março até 21 de outubro de 1823, quando embarca em retorno a Inglaterra. Essas duas visitas foram separadas por uma passagem no Chile (abril de 1822 até fevereiro de 1823), experiência em que a autora publicou em uma outra obra, intitulada: *Journal of a residence in Chili during the year 1822 and a voyage from Chili to Brazil in 1823*. Longman, etc., and John Murray, London, 1824.

⁵³ Pintura de Augustus Earle (1793-1838), produzida em 1824.

⁵⁴ Na versão de Américo Jacobina Lacombe há também uma relação de obras da autora, uma advertência do tradutor, uma carta de Graham escrita para o Imperador Dom Pedro I em outubro de 1824, outra, escrita para José Bonifácio de Andrada em abril de 1823, algumas gravuras inéditas e mais dois apêndices ao final do livro - um é o artigo de Oliveira Lima sobre Maria Graham datado de 1906. E o outro compõe as notas (aditamentos) do exemplar de Maria Graham, pertencente à Biblioteca de Oliveira Lima (Universidade Católica de Washington).

⁵⁵ Thomas Cochrane (1775 – 1860) foi um oficial naval e político britânico que desempenhou um papel importante nas contendas da Independência do Brasil.

disso foi a sua aproximação com José Bonifácio⁵⁶, a quem ela recorreu para intermediar um encontro com a imperatriz Leopoldina.

Considerando as estratégias discursivas, verifica-se como Maria Graham reforçou o seu local como intelectual. Ela ressaltou o seu conhecimento sobre as artes, mas, especialmente, sobre as ciências naturais. Por meio de inúmeras descrições da flora e da fauna ela reitera o seu entendimento e interesse pelos assuntos da natureza, alinhado aos discursos científicos de sua época. O livro contém diversos desenhos de paisagens feitos por Graham, deixando evidente a importância desses atributos em sua obra. Observa-se, ao mesmo tempo, como Graham registrou a sua experiência e familiaridade com a viagem. Ainda na folha de rosto do Diário, logo abaixo do seu nome, ela escreveu a seguinte epígrafe: “*once more upon the waters, yet once more, and the waves bound beneath me as a steed that knows his rider*”⁵⁷. Quer dizer, Graham demonstrou ser conhecedora e conhecida pelos mares, negociando sua credibilidade como escritora-viajante. Em uma outra passagem, antes de chegar ao Brasil, ela revelou um certo desapontamento com a calma de seus “próprios sentimentos, contemplando estas ilhas distantes com tão pequena emoção [...]”⁵⁸, como se já estivesse acostumado os seus olhos para aquelas terras estrangeiras.

Nota-se também que Graham negociou o seu local do saber por meio da diferenciação de suas referências intelectuais. Quando escreveu sobre as contas dos *guanchos*, que tinha ganhado de presente quando estava em Tenerife, Maria Graham observou a análise equivocada que o “Sr. Humboldt” fez ao afirmar que elas “poderiam ter sido usadas para o mesmo fim que os *quipos* do Peru”⁵⁹. Ao mesmo tempo que Graham negociou a sua credibilidade ao citar Humboldt, se distanciando dos pensamentos dele, ela negociou o seu local feminino alinhado ao local do saber – ela demonstrou mais conhecimento e uma preocupação com um assunto “banal demais para merecer atenção de viajantes filosóficos”.⁶⁰ Da mesma forma ela contestou o “Lorde Bacon”:

Contudo, desta vez, o nobre Lorde não viu, ou, talvez, não disse tudo. O céu e o mar precisam ser observados para podermos saber as leis que regulam suas

⁵⁶ José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). Naturalista, poeta e estadista. Foi ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros de janeiro de 1822 a julho de 1823.

⁵⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil, e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. port. e notas Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. “Mais uma vez sobre as águas, mais uma vez, e as ondas batem abaixo de mim como um corcel que conhece seu cavaleiro”. (tradução nossa).

⁵⁸ *Id., Ibid.*, p. 84.

⁵⁹ *Id., Ibid.*, p. 96. Alexander Van Humboldt (1769-1859). Grande cientista e explorador.

⁶⁰ *Id., Ibid.*

grandes mudanças ou acidentes. A observação das obras do homem, como cidades, instituições, etc., podem ser omitidas porque conhecemos seus autores e podemos recorrer a eles [...]. Mas as grandes operações da natureza estão acima de nós, que devemos humildemente registrá-las e tentar fazer de sua história uma parte de nossa experiência [...].⁶¹

Além disso, Graham fez questão de mencionar a sua atividade na fragata *Doris*. Em uma passagem ela disse “a nossa escola para os rapazes a bordo está agora bem organizada”⁶², tal qual, em um outro trecho, ela escreveu:

[...] os livros que desejamos [que] sejam lidos por nossos rapazes são, - história, particularmente da Grécia, Roma, Inglaterra e França; um esboço da história geral, viagens e descobertas; alguma poesia; a literatura em geral, [...]. Temos somente três anos para trabalhar, e como a tarefa da vida deles é aprender a profissão, incluindo matemática, álgebra, [...], isto é tudo quanto ousamos propor.⁶³

É uma maneira dela reafirmar a sua posição de intelectual por meio da sua função como professora, como também negociar um local feminino nesse universo. Um aspecto interessante é que muitas estratégias discursivas (ou negociações), Graham construiu antes mesmo de iniciar a sua narrativa sobre o Brasil. É o caminho que ela foi fisicamente percorrendo pelos mares e discursivamente forjando até a chegada ao seu destino. Quer dizer, ela foi se apresentando como uma viajante culta e com um olhar mais sofisticado do que importantes referências intelectuais masculinas. Assim, quando ela avistou o litoral brasileiro pela primeira vez, ela já era tudo isso para o leitor.

Além disso, Graham negociou uma posição mais eminente para si a partir da elaboração de uma certa hierarquia social ao descrever o Outro. O que pode ser entendido como uma maneira desta viajante se distanciar dos “defeitos” das mulheres e dos homens e aumentar o seu capital social, adquirindo um status mais alto, um status de pessoa “ilustrada”. Para Graham, algumas mulheres brasileiras eram reclusas, indolentes, não educadas, dissimuladas e deselegantes - alguns atributos já apontados anteriormente. Não somente, as mulheres inglesas se apresentavam como de “segunda categoria” ou desinteressantes. Graham viu algumas senhoras como “muito boas pessoas, sem dúvida, [mas] precisariam da pena de Miss Austen para torná-las interessantes”⁶⁴. Outras, eram intrigantes e classicistas, e se preocupavam com certas “ideias a respeito de etiqueta”⁶⁵, como

⁶¹ *Id., Ibid.*, p. 98. Francis Bacon (1561-1626). Filósofo e estadista inglês, *Lord chancellor* da Inglaterra.

⁶² *Id., Ibid.*, p. 99.

⁶³ *Id., Ibid.*

⁶⁴ *Id., Ibid.*, p. 183. Aqui ela se refere à famosa escritora inglesa Jane Austen (1775-1817).

⁶⁵ *Id., Ibid.*, p. 301.

deixou escapar ao se referir à esposa do cônsul inglês, Mrs. Chamberlain. Sobre a sociedade inglesa que habitava o Rio, Graham se questionou: “porque hei de [...] chocar-me com as histórias absurdas que contam a meu respeito porque não me conhecem? Além disso, não é grande afronta ser chamada mais sábia do que outro”⁶⁶. A autora se diferenciou desta sociedade inglesa na medida em que se posicionou como uma pessoa “sábia”.

Em relação aos homens brasileiros, Graham apontou que muitos deles “quando conseguem comprar um negro, descansam, dispensando-se de demais cuidados. Fazem com que o negro trabalhe para eles, esmole por eles e, assim, desde que possam comer seu pão tranquilamente, pouco se importam em saber como ele foi obtido”⁶⁷. Além disso, eles não entendiam tanto de política, artes e ciências naturais quanto ela. Estavam limitados aos seus cargos militares ou públicos e, às vezes, eram “um pouco vaidosos, sentindo-se muito acima de seus concidadãos”⁶⁸. Os homens portugueses tinham todos uma “aparência desprezível”, eram “sem educação e conseqüentemente sem os recursos do espírito” e “todo o tempo deles é gasto [...] entre o negócio e o jogo”⁶⁹. Já os seus compatriotas não tinham um olhar voltado para os aspectos sociais como Graham, e buscavam apenas os interesses econômicos no Brasil. E os seus “amigos comerciantes” não eram tão francos e sinceros em “matéria de negócios”, preferindo, antes disso, o compromisso com a diplomacia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Busco suporte teórico no trabalho clássico de Joan Scott⁷⁰ para entender, primeiramente, o que é gênero. Para a historiadora, gênero pode ser entendido como: “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder”⁷¹. Por conseguinte, resgato um de seus importantes questionamentos para a análise da fonte histórica: “como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?”⁷² Este projeto demonstra as questões de gênero quando analisa as estratégias discursivas de Graham para se construir em um local social,

⁶⁶ *Id., Ibid.*, p. 291.

⁶⁷ *Id., Ibid.*, p. 137.

⁶⁸ *Id., Ibid.*, p. 162.

⁶⁹ *Id., Ibid.*, p. 156.

⁷⁰ SCOTT, Joan, *op. cit.*, 1989.

⁷¹ *Id., Ibid.*, p. 86.

⁷² *Id., Ibid.*, p. 74.

predominantemente, masculino. E, ao mesmo tempo, revela a consciência da viajante quanto à divisão social dos sexos em sua época.

No entanto, recorro ao campo da teoria literária para fazer uso de ferramentas que interseccionam o estudo de gênero e a literatura de viagem feminina. Sara Mills⁷³ fornece uma perspectiva importante sobre as narrativas de viagens das mulheres como textos localizados no cruzamento entre os discursos colonial e feminino. Preocupada com as estruturas discursivas, Mills analisa a maneira na qual as escritoras-viajantes tiveram que negociar diferentes restrições textuais. Uma das questões formuladas por ela se baseou em saber como a força colonial foi negociada nesses textos, uma vez que as viajantes do período vitoriano, convencionalmente, não faziam parte da expansão colonial – estabeleço aqui uma conexão com as negociações discursivas de Graham para ocupar uma posição que ela não poderia, no seu caso, a posição de intelectual. Por outro lado, uma das proposições mais marcantes de Mills é que tais textos deviam ser analisados como “artefatos textuais” e não como “simples autobiografias”, isto é, não deveriam ser lidos de forma romantizada e nem reduzidos a estudos biográficos de mulheres “excepcionais”. A partir desta última ideia, alcanço outras duas teóricas.

Bénédict Monicat⁷⁴ contesta essa distinção feita por Mills, pois, para ela “as autobiografias não podem ser senão artefatos textuais”⁷⁵. Monicat defende que a natureza textual das autobiografias nada mais é do que o espaço onde a pessoa que escreve se “constrói dialética e dialogicamente”. Ou seja, elas também são artefatos que estão em processo de construção no momento da escrita e “longe de ser ‘simples’, devem ser integradas na rica fundamentação teórica desenvolvida por Mills, no ‘lugar onde há vários discursos que jogam com o texto’”⁷⁶. Adicionalmente, Monicat abre caminho para refletir as narrativas de viagens: i) a partir de um discurso “*gendered*” sobre si, que se contradiz e, ao mesmo tempo, é perpassado por outros discursos (e.g., colonial, de raça, de classe); ii) mediante a pluralidade de autoimagens que as escritoras constroem em seus textos; iii) e como um espaço para essas mulheres interpelarem os “limites tradicionais” e os “modos de ser” impostos a elas. Com isso, amplio as possibilidades de questionar Maria Graham na construção de si (como intelectual) em seu relato.

⁷³ MILLS, Sara, *op. cit.*, 1991.

⁷⁴ MONICAT, Bénédicte, *op. cit.*, 1994.

⁷⁵ *Id.*, *Ibid.*, p. 62 (tradução nossa).

⁷⁶ *Id.*, *Ibid.* (tradução nossa).

Por sua vez, Susan Basnnett⁷⁷ problematizou a noção de que as mulheres viajantes eram de alguma forma “excepcionais”. No entanto, diferente de Sara Mills, Basnnett está mais preocupada em desconstruir o estabelecimento de uma “referência” na qual as mulheres poderiam ser avaliadas. Sua análise lançou luz sobre a diversidade dos relatos de viagens femininos. Para ela, muitos estudos iniciais tenderam a ver a “mulher” como uma categoria única, focando apenas nas especificidades de suas narrativas. Basnnett também aponta que a viagem era um meio das mulheres (e dos homens) se reinventarem e assumirem personalidades diferentes, num processo seletivo que ela chama de “*self-fictionalising*”. Contudo, ela nota que este processo estava simultaneamente em constante confronto com a busca por veracidade. Além disso, observa que, apesar de muitas viajantes terem se esforçado para criar uma imagem de si que resistisse às “contrapartes masculinas”, há uma afirmação clara da feminilidade em seus escritos (e.g., a atenção dada aos detalhes das roupas, da culinária e da vida doméstica). E que as atitudes ambíguas identificadas em seus textos, refletem as dificuldades das mulheres em se moverem entre as esferas pública e privada em determinada época.

Scott, Mills, Monicat e Basnnett, uma em complementação à outra, fornecem as bases teóricas deste trabalho para questionar o relato de viagem feminino a partir de suas estruturas discursivas, entendidas como “narrativas de si”, que se manifestam ao longo de uma escrita plural e ambígua, mas que são elaboradas como estratégias para as viajantes se redefinirem em locais de fala que ultrapassavam as barreiras dos papéis sociais atribuídos às mulheres, em um tempo e em uma cultura particular.

CRONOGRAMA DE TRABALHO

ATIVIDADES	2022 JAN - JUL	2022 AGO - DEZ	2023 JAN - JUL	2023 AGO - DEZ
Cumprimento das disciplinas	x	x		
Atividades de orientação	x	x	x	x
Aprofundamento teórico e ampliação da bibliografia	x	x		
Cruzamento de informações		x		
Produção dos primeiros textos		x		
Estruturação e redação do texto para o exame de qualificação			x	x
Revisão, finalização e apresentação				x

⁷⁷ BASNNETT, Susan. *Travel writing and gender*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge, RU: Cambridge University Press, pp. 225-241, 2002.

FONTES PRIMÁRIAS

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil, e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. port. e notas Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. *Journal of a voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, and John Murray, 1824. 335p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or521397/or521397.pdf.

_____. *Carta para a Imperatriz Leopoldina sobre a educação de suas filhas*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 13 out. 1823. 3 fls. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1486629/mss1486629.pdf.

_____. *Carta para Imperatriz Leopoldina enviando um exemplar do livro Diário de uma residência na Índia e expondo projeto para educar as princesas*. [s.n.], [18--]. 2 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/bndigital2444/bndigital2444.pdf.

_____. *Escorço biográfico de Dom Pedro I*. Cadernos da Biblioteca Nacional, 7. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1305313.pdf.

_____. *Letters by Maria Graham to John Murray*. The Archive of John Murray, MS.40185. National Library of Scotland (NLS), Edinburgh.

- Folios 75-77; 79-82; 93-94; 1821.

- Folios 97-100; 103-104; 1824.

LEOPOLDINA. *Carta para Maria Graham comunicando aceitá-la como educadora das suas filhas*. São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 15 out. 1823. 1 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/bndigital2443/bndigital2443.pdf.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. Cambria Press, New York, 2009.

ARAÚJO, Nara. *Verdad, poder y saber: escritura de viajes femenina*. Florianópolis, Revista Estudos Feministas, pp. 1009-1029, 2008.

BASNETT, Susan. *Travel writing and gender*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge, RU: Cambridge University Press, pp. 225-241, 2002.

BORRI, Claudia. *Los viajes de María Graham, Flora Tristán y Florence Dixie a Sudamérica: Metodología e interpretación*. In: REBOLLEDO, Loreto; TOMIC, Patricia. *Espacios de género: imaginarios, identidades e historias*. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, pp. 41-58, 2006.

BRINTRUP, Lilianet. *Maria Graham: El Almendral, urbanidad-sociabilidad engañosa*. Anales de Literatura Chilena. ISSN 0717-6058, n. 21, pp. 61-80, 2014.

CAMPOS, Maria de Fátima H. *Relatos de viagem e a obra multifacetada de Maria Graham no Brasil*. Sitientibus, n.41, Feira de Santana, pp.99-114, 2009.

CASTRO, José Flavio Morais; OLIVEIRA, Natália Maria. *Análise da paisagem das mulheres viajantes no Brasil durante o século XIX*. Caderno de Geografia, v.26, n. 1, pp.155-168, 2016.

CHARTIER, R. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica – nota crítica*. Cadernos Pagu (4), pp. 37-47, 1995.

DEPETRIS, Carolina. *La escritura de los viajes*. Del diario cartográfico a la literatura. Mérida: UNAM, 2007.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Aspectos da Ilustração no Brasil*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Dep. De Imprensa Nacional, v. 278, pp. 105-170, 1968.

_____. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed. Rev. São Paulo, Brasiliense, 1995, pp. 90-111.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820): antologia de textos*. Jemima Kindersley, Elizabeth Henrietta Macquarie, Rose Freycinet. Org. e trad. Jean Marcel Carvalho França. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Antologia de textos: 1591-1808. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, pp. 287-291.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 50, 2017.

GONÇALVES, Margareth de A. *Artifício e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre mulheres em Portugal e Brasil*. Revista Estudos Feministas, n.3 v. 13, pp. 613-627, 2005.

_____. *Viagem e escrita de si em Maria Graham*. Revista Universidade Rural, Série Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, v. 29, n. 1, pp.110-122, 2007.

JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa volume II*. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: Humanitas, 2011, pp.44-87.

KEIGHREN, Innes, WITHERS, Charles W.J., BELL, Bill. *Travels into print*. Exploration, Writing, and Publishing with John Murray, 1773-1859. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 2015, pp. 68-214.

KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos vol. III, Suplemento, pp. 863-880, 2001.

LEITE, Miriam Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX*. Cadernos Pagu, n.15, pp. 129-143, 2000.

LEMES, Camila Assis. *Sob o olhar de uma estrangeira: gênero e Independência do Brasil no diário de Maria Graham*. VI Congresso Internacional de História, 10.4025/6cih.pphuem.483, 2013.

MATHEUS, Márcia Cristina S. *Maria Graham e a documentação do feminino no Brasil na primeira metade do oitocentos*. Revista Policromias, Rio de Janeiro, ano IV, pp.324- 359, 2019.

MILLS, Sara. *Discourses of difference. An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. New York, Routledge, 1991, pp.1-39.

MONICAT, Bénédicte. *Autobiography and women's travel writings in nineteenth-century France: Journeys through self-representation*. Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography, pp. 61-70, 1994.

MONTEZ, Luiz Barros. *Análise de construções discursivas do Rio de Janeiro em relatos de viajantes no século XIX*. Uma abordagem interdisciplinar. Identidades - XIII Encontro de História Anpuh Rio, 2008.

_____. *Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória*. Cad. Trad., Florianópolis, nº especial, pp. 277-298, 2014.

PORTO, Denise M. C. Gomes. *Maria Graham, uma escrita autobiográfica, com registros das turbulências do Brasil independente*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, n. 26. Rio de Janeiro, 2019.

_____. *Maria Graham: a polissêmica narrativa da escritora inglesa, sobre os brasis das primeiras décadas do oitocentos*. In: História: Diálogos Contemporâneos 3, 2020.

SCHEMES, Elisa Freitas. *A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa*. XXVIII Simpósio Nacional de História. Anpuh Florianópolis, 2015.

SCOTT, Joan. *Gênero. Uma categoria útil para a análise histórica*. Trad. port. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, pp.71-99, 1989.

_____. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter. A Escrita da História. Novas Perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, pp.63-95, 1992.

SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro, ca. 1808-1850)*. Campinas, SP: [s. n.], 2006.

SILVA, Isadora Eckardt da. *O Traço subjetivo e o fascínio do fenômeno urbano na crônica de viagem de Maria Graham*. Revista Palimpsesto - Programa de Pós-graduação em Letras. UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2009a.

_____. *A Literatura de Viagem de Maria Graham*. Revista do SETA, n. 3. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, UNICAMP, São Paulo, pp. 450-458, 2009b.

_____. *Maria Graham e a influência britânica no Brasil do século XIX*. Revista Instrumento, v. 11 n. 1. Juíz de Fora, pp. 95-105, 2009c.

SOUZA, M. de F. M. de. *Viajar, observar e registrar: Coleção e circulação da produção visual de Maria Graham*. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 5, n. 2, pp. 59–85, 2021.

THOMPSON, Carl. “*Only the Amblyrhynchus*”: Maria Graham’s Scientific Editing of Voyage of HMS Blonde (1826/27). *Journal of Literature & Science*, JLS, v. 8, n.1, pp. 48-68, 2015.

TORRÃO FILHO, Amílcar. *Las trampas de la seducción: El cuerpo de la mujer brasileña en la literatura de viajes*. In: *Culturas de la seducción / Patricia Cifre Wibrow, Manuel González de Ávila*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 297-303, 2014.

_____. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 24, pp. 127–152, 2016.

_____. *As peripetivas de uma pária de Flora Tristan e a construção de uma feminista*. Florianópolis, Revista Estudos Feministas, 2018.

_____. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na Literatura de Viagem (1783-1845)*. 2. ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.